

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXI)

RELIGIOSIDADE

A religiosidade é outra característica fundamental lembrada e comentada por todos os estudiosos da imigração italiana. Isto não significa dizer que todos o reconheçam como um fator absolutamente positivo. Para alguns, a religiosidade tornou o imigrante uma pessoa submissa, acomodada e conformista diante de situações adversas e injustas. Tudo se reduziria em afirmações como, “era vontade de Deus”. Seja como for a diversidade de compreensão, o fato é que a religiosidade foi uma fonte de energia, não só para superar as adversidades da vida, mas também para definir todo processo de desenvolvimento das atividades sociais, culturais e econômicas.

Muitos são os aspectos que poderiam ser tratados a respeito da religiosidade que acompanhou a aventura dos imigrantes. Acredito que seus traços gerais podem ser resumidos em três pontos

Um ponto, talvez, o mais importante, diz respeito à religiosidade expressa na fé, isto é, na crença baseada em sólidos conhecimentos da doutrina cristã e na vivência convicta das práticas religiosas. Ou, como sugerem alguns estudiosos, seria uma religiosidade muito mais herdada de uma longa tradição familiar. A religião católica, de fato, acompanhava a pessoa desde o berço. Provavelmente, ninguém colocava em dúvida seu pertencimento à Igreja católica, assim como a filiação legítima de seus pais.

De fato, quanto ao conhecimento da doutrina cristã, parece que não ultrapassava os ensinamentos básicos adquiridos no estudo do catecismo, condição necessária para fazer a primeira comunhão. Os sermões dominicais podem ser considerados um complemento aos ensinamentos do catecismo, embora, em suas linhas gerais, tenham tido um caráter mais moralizante e de orientação de vida e preservação dos bons costumes.

Um dado deve ser considerado, a quase totalidade dos imigrantes confessava ser católica. E na mesma proporção, se pode afirmar que eram cumpridores assíduos das obrigações religiosas, especialmente, a frequência à missa dominical e a participação dos sacramentos obrigatórios como batismo, confissão, comunhão e matrimônio. Essa adesão às normas da igreja era completada pela participação das principais atividades litúrgicas e a observação do descanso municipal. Uma prática generalizada, muito sublinhada e, no momento, esquecida, foi a récita do terço diário no ambiente familiar, antes de dormir.

Os imigrantes pioneiros, seja qual for o grau da convicção de sua religiosidade, parece que não conseguiram transmiti-la às novas gerações. As constatações, aqui expostas, podem não ter valor científico, mas simples observações mostram que as práticas religiosas já não são mais tão frequentadas. O fato, certamente, mais significativo não é, apenas, o esfriamento da participação religiosa, mas o afastamento da igreja católica e o ingresso em outras igrejas, especialmente quando foram criadas novas igrejas, às quais muitos descendentes aderiram com entusiasmo. A liberdade religiosa, hoje, é um direito respeitado, ainda que esse gesto, sem dúvida, seria incompreensível para os velhos imigrantes.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXII)

RELIGIÃO

Antes de tratar do significado da religião na vida do imigrante italiano e, em especial, no processo da imigração e superação das dificuldades pessoais e coletivas, é importante reavivar a compreensão histórica e antropológica de religião.

Não é novidade afirmar que todos os historiadores, antropólogos, sociólogos ou etnólogos concluíram que todos os povos, em qualquer época, sempre desenvolveram um tipo de crença religiosa. Com o desenvolvimento da humanidade surgiram religiões mais estruturadas sob o ponto de vista doutrinário e hierárquico.

O Catolicismo é apresentado como a única religião fundada pelo próprio Deus, através de Jesus Cristo. A religião católica se confundia com a única Igreja verdadeira. Ao longo dos dois mil anos da história do Cristianismo surgiram numerosas igrejas cristãs tendo com base na Bíblia, o que as diferencia, sob o ponto de vista teológico, é a sua interpretação. O Ecumenismo, surgido depois do Concílio II, busca um diálogo entre todas as religiões. No tempo da imigração, a religião católica era a religião oficial do Império.

Todas as questões teológicas referentes à Igreja Católica podem ser aprofundadas no Curso de Teologia a Distância, promovido pelo Correio Riograndense. Os dados, lembrados aqui, visam acentuar o fato de que a humanidade sempre encontrou na Religião uma fonte de energia e uma referência para dar sentido à sua vida para além das dimensões temporais, e como orientação para a vida diária em relação a si mesmo e ao próximo.

Já foi dito que a quase totalidade dos imigrantes confessavam e praticavam a religião católica. Esta informação precisa ser completada observando como a religião marcou o imigrante ao longo do processo migratório.

A monotonia da vida dos imigrantes, ainda na Itália, foi abalada pela surpreendente notícia da possibilidade de emigrar para o Brasil. A história da família daria um giro de cento e oitenta graus. Fica difícil, hoje, imaginar o abalo emocional de cada um. O apelo aos desígnios de Deus trouxe confiança, serenidade e esperança. A recomendação que circulava em toda parte dizia: "deviam acabar com as dúvidas e aproveitar a ocasião que a Divina Providência lhes mandava. Outra igual, nunca mais".

Já instalados em suas colônias, nos momentos mais difíceis, os imigrantes apelavam invariavelmente para a proteção divina. Quando sentiam a saudade da pátria, da terra natal, dos familiares, dos amigos ou de tudo o que era do seu vilarejo; quando sentiam a solidão, o sofrimento ao enfrentar um novo mundo; quando surgiam conflitos familiares, doenças ou frustrações nos negócios, sua mente se dirigia, em especial, a Nossa Senhora e aos Santos de sua devoção. Por isso, a grande frequência às celebrações litúrgicas e aos sacramentos. O Padre Apremonr afirmou que viu pessoas passarem a noite fora de casa a espera de se confessar. De fato, a confissão, dizem outros, era uma verdadeira psicoterapia.

Ao par disto, a reza do terço, à noite, toda família reunida, mereceria um estudo maior como um encontro familiar de intimidade, de reflexão, de conforto e de conciliação.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXIII)

A IGREJA

A Igreja, para o imigrante italiano, era a referência primeira de sua vida. Nela estavam concentrados todos os seus projetos. A Igreja, para eles, num primeiro sentido, tinha o mesmo que de religião. Num segundo sentido, igreja era o prédio onde se reuniam para rezar. Tanto a igreja, como religião, quanto a igreja, como local de oração, completavam-se. As práticas religiosas encontrariam sua plena realização no interior de um local consagrado, que podia ser capitel, oratório, capela, igreja, catedral ou santuário.

Neste contexto os dois sentidos de igreja – religião e edifício – estão presentes na elaboração da ordem social dos imigrantes. Fator fundamental para entender os primeiros tempos das Colônias italianas. É consenso entre todos os estudiosos que a Igreja constituiu, de maneira visível, junto com a propriedade e a família, o tripé da vida social dos imigrantes.

A começar pelos três acontecimentos fundamentais de cada pessoa, nascimento, casamento e falecimento, mais que datas civis, eram festas religiosas. O nascimento era o batismo. O casamento era a cerimônia religiosa. O falecimento era o momento de receber os últimos confortos da religião.

Em relação ao nascimento e ao casamento, é importante lembrar que, na Itália, antes da unificação, não havia obrigação do registro civil de nascimento, nem do casamento civil. As certidões do batismo e do casamento religioso, nos dois casos, eram os únicos documentos, validados, inclusive, pelo novo Estado Italiano. Esse fato pode mostrar porque os imigrantes tinham uma preocupação maior com o batismo e o casamento religioso. O casamento civil, em muitos casos, era celebrado mais tarde, às vezes, por exigências da legitimação civil dos filhos. Havia também a existência de poucos cartórios e os gastos.

Nos falecimentos não havia muita preocupação com o atestado de óbito. O importante era a presença de um padre para celebrar os rituais fúnebres.

Sob o ponto de vista da organização social dos imigrantes, se pode afirmar que aconteciam em torno da igreja, local de reza, de reuniões festivas, de encontros interfamiliares, de diversão e dos momentos mais propícios para a juventude iniciar um namoro. Na área rural, a capela era o grande ponto de atração. A reza do terço, aos domingos à tarde, não era apenas uma liturgia quase obrigatória em substituição à missa, mas um atrativo para as atividades de lazer. O jogo de bochas, a mora e o baralho eram os jogos dos homens. As cantorias poderiam animar a tarde dominical. As mulheres passavam horas conversando. A criançada brincava nos arredores. As moças passeavam, em grupos, na expectativa de um pretendente vindo de outra comunidade.

A igreja, como organização religiosa e social, substituía o papel do Estado. Eles eram cidadãos da Igreja, mais do que do Estado. Situação vivida desde a Itália. Muito bem definida por Ítálico Marcon: "Graças a Igreja preencheram o vazio encontrado na pátria adotiva, estruturando o tempo e o espaço numa singular civilização ítalo-sul-riograndese".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXIV)

O PADRE

A presença e a atuação do padre junto aos imigrantes italianos já mereceram muita atenção dos estudiosos. Há inúmeros depoimentos escritos por padres e leigos que descrevem de maneira muito clara o quanto o sacerdote representou para o conjunto da imigração. Isto não significa dizer que tudo foi positivo, aconteceram fatos negativos, mas num ponto há consenso, o padre foi a pessoa mais solicitada pelos imigrantes às autoridades, tanto eclesiásticas quanto governamentais. E, quando não eram atendidos, não hesitavam em ir eles mesmos à procura na pátria de origem.

Nesta busca insistente de um padre, a maior queixa ouvida é que, aqui, abandonados no meio da floresta, acabavam vivendo e morrendo como animais, sem assistência religiosa e sem o conforto de um sacerdote.

Neste sentido, o melhor é transcrever as palavras do capuchinho francês Padre Bernardin D'Apremont: "Desde o início da colonização, estes bons colonos privados de toda a assistência religiosa, pediam sacerdotes para viver no meio deles, partilhar sua vida e guardar viva, nos seus corações, a fé, que despertava neles tantas recordações da pátria longínqua".

As afirmações do padre D'Apremont são confirmadas pelo Inspetor das Colônias, Manuel Maria de Carvalho em seu Relatório, apresentado ao Império em 1886. Após suas visitas fez, entre outras, duas constatações. Numa disse: "Todos sabem que os imigrantes europeus são excessivamente religiosos e não dispensam, de modo algum, o padre e a igreja". E acrescenta: "quem conhece as colônias do Império sabe perfeitamente que o padre é o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos."

Num segundo momento, o Inspetor Carvalho fez a seguinte declaração: "Tenho o dever de declarar, nesta ocasião, que há grande relutância nos imigrantes em tomar lotes na colônia de Alfredo Chaves (hoje, Veranópolis) não obstante a excelente qualidade de suas terras e a amenidade do clima, por não encontrarem, nela, padre e igreja. Preferem ficar sem lotes e agregados em pedacinhos de terras dos Colonos de Conde d'Eu (Garibaldi) e Dona Isabel (Bento Gonçalves), o que é muitíssimo inconveniente à colonização, a seguir para aquela colônia enquanto não houver esses melhoramentos".

Fatos comprovados por Ranieri Veronesi Pesciolini em sua obra, *Le colonie italiane nel Brasile Meridionale*, de 1914. "Eu não conheço outro país onde o pároco goze de igual autoridade; isto provém de que ele é a única pessoa, na colônia, que tem instrução e que se ocupa dos interesses dos colonos. Ele é o conselheiro em todas as coisas, mesmo na economia; quando adocece, antes de chamar o médico, consultam o sacerdote. Um estranho dificilmente é ouvido nas colônias sem o apoio dele; quando, recentemente, os agentes do governo brasileiro percorreram as colônias para fazer propaganda das cooperativas, não apareceu nenhum simpatizante enquanto os sacerdotes não deram seu apoio".

E precisa dizer mais? Sim. Os tempos e as pessoas mudaram.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXV)

NEM SEMPRE HOUE FLORES

Os padres, apesar de seu enorme prestígio junto aos colonos, nem sempre encontraram flores à sua frente. Desde o início tiveram que enfrentar muitos problemas, em parte, semelhantes a todos os imigrantes. Primeiro precisaram se adaptar ao novo mundo.

Uma grande dificuldade, específica do exercício do sacerdócio, foi a falta de quase tudo para exercer sua missão. A começar pelas precárias condições de realizar as celebrações, em especial, a santa missa. As igrejas eram poucas e precárias. Os paramentos e os objetos sacros ou eram deficientes ou inexistentes. O meio de locomoção, na melhor das hipóteses, era o cavalo. Estradas, caso merecessem esse título, eram péssimas. Pontes, nem nos sonhos. As distâncias infinitas. A força, para enfrentar todas essas adversidades, vinha de duas fontes. Da acolhida carinhosa e sedenta das bênçãos divinas, e, em especial, da sua satisfação de levar uma palavra de conforto a tanta gente desprotegida de todos.

Outra dificuldade surgiu no enfrentamento dos grupos anticlericais. Os conflitos aconteceram em diferentes localidades, com maior ou menor intensidade. Um exemplo, apenas para lembrar, é o livro *Togno Brasafraiti*, escrito por Mons. Ricardo Liberalli. Houve, também, casos mais sérios com a morte de padres. Como foi caso do Padre Sório, em Silveira Martins. Uns responsabilizam a maçonaria. Outros afirmam que foi a vingança da família que se sentiu desonrada por assédio sexual do Padre à uma filha. Crime não esclarecido, apenas fortes indícios em favor do conflito igreja/maçonaria..

O certo é que esses fatos perturbavam a vida dos colonos, preocupados em serem prejudicados caso tomassem partido a favor de um dos lados.

Não se pode esquecer que o Padre sofria também do isolamento. Para encontrar um colega precisava vencer grandes distâncias. O convívio com pessoas de menos cultura agravava a solidão. Por isso, a história do clero apresenta fatos heróicos e outros nem tanto. Basta lembrar o que escreveu o Padre D'Apremont: "diante da falta de padres, os bispos se viram obrigados a receber padres estrangeiros, de origem duvidosa, com lacunas quanto à preparação científica e à virtude. Alguns vinham mais com o propósito de ganhar dinheiro para pagar dívidas passadas ou, até, para sustentar seus parentes, mais do que salvar almas e proclamar a glória de Deus". Vejamos dois exemplos opostos.

O Padre Antônio Passaggi foi o primeiro capelão designado para o então Campo dos Bugres. Infelizmente, devido aos amigos carbonários ou à solidão, tornou-se alcoólatra. Um dia, depois de estar alcoolizado, esses amigos lhe apresentaram um falso casal de noivos para casar. Ele fez a cerimônia. O que lhe valeu a suspensão de suas ordens. Os colonos, entretanto, o protegeram. Eles viam a figura do padre e não o defeito.

O oposto, é o Padre Dr. Calógero Tortorici. Na Itália, foi professor universitário. Em 1920 veio ao Brasil para a Diocese de Santa Maria. No mesmo ano assumiu a paróquia de Marau até 1930. Quando foi nomeado para Tapejara. Faleceu em 1950 aos 83 anos. Alguns marauenses mais antigos se lembram com carinho da sabedoria do bom velhinho.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXVI)

AS ORDENS RELIGIOSAS

A procura, quase obsessiva, para garantir a presença e a assistência de sacerdotes entre os imigrantes, se deve a duas razões fundamentais. Em primeiro lugar a identidade da maioria dos imigrantes com a Igreja Católica. Já foi lembrado que eles se consideravam mais cidadãos fiéis da Igreja do que cidadãos do que do Estado Italiano, portanto nada mais coerente do que assegurar a assistência dos ministros de Deus. A segunda causa, não menos importante, foi o abandono em que ficaram por parte dos governantes italianos e, em parte, do governo brasileiro.

Diante da insuficiência de padres disponíveis do clero secular, tanto nacional quanto estrangeiro, a solução foi apelar para ordens religiosas. É interessante observar que a primeira congregação religiosa a chegar ao Rio Grande do Sul, foi por iniciativa de um grupo de imigrantes da Colônia Silveira Martins, comandos por Paulo Bortoluzzi em 1886. Aliás, esse mesmo grupo havia trazido anteriormente dois padres italianos, Victor Arnoffi e Antônio Sório. Com a morte do primeiro e a transferência do segundo para a sede da Colônia, os de Vale Vêneto, incomodados e revoltados, trouxeram a Congregação dos Padres Palotinos, tendo assumido praticamente toda a assistência religiosa da Colônia Italiana, inclusive com forte presença em Santa Maria

Em 1896 chegaram os capuchinhos, desta vez, por insistentes convites do Bispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Ponde de Leão. Os próprios capuchinhos, diante dos problemas vividos na França, desde a Revolução Francesa, e as dificuldades enfrentadas no Líbano, onde se haviam refugiado, estavam à procura de uma região de missões, onde encontrassem condições favoráveis para formar seus religiosos. Foi assim que eles receberam do Bispo dom Cláudio a tarefa de dar assistência às Colônias da Serra Gaúcha, e de construir suas casas de formação, onde mantém uma forte presença até hoje.

Uma observação. Os Palotinos eram de origem italiana e alemã. Entre eles não havia muita concordância em relação à formação de padres, oriundos dos imigrantes. Razão pela qual o seminário somente foi iniciado em 1922, em Vale Vêneto. Os Capuchinhos, embora de origem francesa, se integraram perfeitamente com os imigrantes italianos, tanto que no ano seguinte receberam a primeira turma de filhos de imigrantes. A primeira casa de formação foi em Garibaldi Em seguida é fundada a de Flores da Cunha, com total aprovação dos moradores. Na seqüência foram fundadas várias outras, geralmente, com apoio das comunidades. Foram chamados de "frati", para distingui-los dos "preti".

No mesmo ano, 1886, chegou a Congregação dos Missionários de São Carlos, conhecidos por Carlistas ou Scalabrinianos. Sua atuação, também, foi desenvolvida, especialmente, junto aos imigrantes italianos. Na próxima semana esse tema será retomado.

Apenas para lembrar, os Franciscanos e os Jesuítas se dedicaram, preferencialmente, aos imigrantes alemães. As Congregações religiosas, cuja finalidade é educação, merecerão maior atenção quando for tratada a questão da escola.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXVII)

UM BISPO PARA OS EMIGRANTES

A grande emigração italiana do final do século XIX e início do século XX, inicialmente, foi tratada como um acontecimento normal e natural, tanto pelas autoridades eclesiais, quanto pelo novo governo italiano. Para a Igreja, de modo especial, era uma oportunidade que Deus oferecia para melhorar de vida. Para o governo era a maneira mais simples de se livrar do problema social de uma população pobre, analfabeta e subnutrida.

No meio desta cegueira social e humana, aparece um homem mais lúcido, Dom Giovanni Battista Scalabrini (1839-1905), Bispo de Piacenza. Ele foi o primeiro a perceber o grave problema humanitário provocado pelas emigrações em massa.

Dom Scalabrini, não só levantou sua voz denunciante, mas tomou medidas concretas para intervir em favor dos emigrantes, abandonados pelos governos do país de origem e da pátria adotiva. Por isso foi autorizado pela Igreja a intervir junto aos políticos e aos governos. Entretanto, sabia que sozinho pouco podia fazer, por isso fundou duas Congregações, a dos Missionários de São Carlos Borromeo, e a da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo. Mais conhecidas como Carlistas ou Scalabrinianas.

A orientação básica de Scalabrini foi: "Filhinhos, na América, para onde eu os envio em nome do Senhor, vocês terão que se dedicar a igrejas, escolas, hospitais, orfanatos e secretarias em favor dos nossos irmãos emigrantes, mas não esqueçam a imprensa! Onde não chegam vocês, chega o bom jornal, que pregará em nome de vocês".

Muito se poderia falar sobre a grande obra de Scalabrini, desde suas viagens em visitas aos emigrados, inclusive, ao Rio Grande do Sul, até o encaminhamento de seus padres para o atendimento, não só espiritual, mas de defesa dos direitos básicos junto aos poderes públicos. Três trabalhos desses padres resumem sua grande obra humanitária.

Padre Maldotti iniciou o trabalho no Porto de Gênova, onde aconteciam barbaridades, praticadas com a conivência das Companhias de Navegação e dos Agentes de emigração. Em seu depoimento disse: "O espetáculo era comovente. Uma turba de aproveitadores explorava, em todos os sentidos, os emigrantes, trazidos com semanas de antecedência". Além de enfrentar os aproveitadores, ele conseguiu do governo um decreto obrigando as Companhias e os Agentes a fornecerem alojamento e alimentação.

O Padre Baldini desenvolveu sua missão na Colônia Sunny Side, às margens do rio Mississipi, Estados Unidos. Aí os imigrantes eram duplamente discriminados, por serem italianos e por serem católicos. Num momento em que tudo parecia perdido, Padre Baldini, na frente seus imigrantes, enfrentou os opositores dizendo: "De hoje em diante, os italianos saberão defender seus direitos". Resultado, antes desprezados, passaram a ser estimados.

Padre Colbachini atuou na América do Sul. No Brasil, visitou imigrantes italianos em vários estados. Concentrou sua ação, especialmente, nas fazendas de café, onde havia uma escravidão disfarçada. Em seu relatório declarou: "somente o Estado italiano tem condições de garantir a nossos conterrâneos a tutela de seus direitos". A situação melhorou.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXVIII)

OS PADRES LEIGOS

Um personagem pouco conhecido, quase esquecido, apesar de seu enorme significado entre os primeiros imigrantes, foi o padre leigo. O missionário capuchinho francês Père Bernardin d'Apremont foi o primeiro a observar e registrar que, em todas as primeiras comunidades italianas, por ele visitadas, havia sempre um regente das atividades litúrgicas. A este regente litúrgico ele passou a chamá-lo de Padre Leigo.

O padre Bernardin, não só deu o nome de Padre Leigo aos responsáveis pelos atos litúrgicos nas primeiras comunidades italianas, mas descreveu como eles foram constituídos e quais as funções que exerciam. É bom lembrar que ele não foi o único a tratar do tema dos padres leigos. D. José Barea, Père Robert Apprieu, Dr. Veronesi, entre outros, escreveram sobre a importância desses padres leigos para manter viva a fé e preservar as práticas religiosas.

Em primeiro lugar deve-se dizer que o padre leigo não era uma indicação dos Padres ou Bispos, mas uma escolha espontânea da comunidade. Cada comunidade tinha seus critérios, mas, em geral, sempre se exigia que soubesse ler e escrever, e fosse exemplo de valores morais e religiosos. Geralmente eram pessoas que já havia exercido a função de sacristão em sua paróquia de origem, ou havia participado de um coral de igreja, ou fora ajudante em cerimônias litúrgicas da semana santa e do canto das vésperas na Itália.

A eles era atribuída a regência de todas as funções litúrgicas, como recitar o terço aos domingos à tarde e ensinar o catecismo da primeira comunhão, batizar recém nascidos em perigo de morte, conduzir os ritos fúnebres. Quanto maior a capacidade do padre leigo, mais solenes eram as celebrações, em certos casos, vestia os paramentos e celebrava partes da missa, que, para eles, tinha tanto valor e obrigatoriedade como as missas verdadeiras.

Para resumir a importância do Padre Leigo, nada melhor que lembrar o que disse o Padre D'Apremont: A maioria dos Padres Leigos eram homens valorosos que exerciam suas funções de um modo muito correto, com fé e piedade. Conheci muitos deles que me deixaram profundamente edificado pelo seu espírito de fé, de humildade e de caridade.

Em nenhum momento os padres leigos pretenderam ocupar o lugar dos padres ordenados. Assim mesmo, não faltaram conflitos, geralmente por falta de compreensão dos sacerdotes e bispos. Um fato é suficiente para mostrar as intrigas. Numa determinada capela, o pároco se depara com uma bacia cheia de água. Pergunta o que era. A resposta foi de que se tratava de água benta há pouco. Mas quem benzeu, pergunta o pároco. Resposta, o nosso padre. Ato contínuo, o pároco joga fora a água e manda trazer água nova para ele benzer. As pessoas se escandalizaram e foram se queixar ao bispo. O bispo lhes disse, vocês tiveram sorte ele botou fora a água, eu teria botado fora também a bacia.

Uma pena! Precisou chegar o Concílio Vaticano II para descobrir que os Padres Leigos foram precursores da participação oficial dos leigos na Igreja através da consagração dos atuais diáconos e ministros da eucaristia. Ainda é pouco.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXIX)

SINOS E CAMPANÁRIOS

A igreja, como templo, era o centro da paisagem religiosa, social e cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. Colocada em lugar topograficamente elevado, além de apontar para os valores do alto, ela era referência para todos. Em torno dela foram crescendo os aglomerados urbanos. Entretanto, a paisagem dos imigrantes só ficou completa com os sinos e o campanário. Acontecia o fiel transplante da terra natal. Agora sim, podiam viver o ambiente natural de vida italiana.

Os sinos, certamente, tiveram um sentido quase tão importante quanto a Igreja, o campanário era um complemento para as igrejas, onde a arquitetura não previa torres. Dois campanários merecem destaque. O de Flores da Cunha, todo em pedra basalto, e o de Silveira Martins, em forma cilíndrica. Por isso, para entender o grau de valorizavam dos sinos, nada melhor que transcrever os depoimentos de quem viveu naquela época. O padre Raymond relatou com muita propriedade o entusiasmo, quase devoção, pelos sinos: "O pároco lançou, então, o projeto sonhado: os sinos! O povo estremeceu. As ofertas afluíram: trigo, milho, vinho. Porcos, cavalos velhos, de tudo o que constituía a riqueza nacional. As mulheres ofereciam dúzias de ovos. As moças fabricavam tranças de palha em grande quantidade, Em pouco tempo, a venda de todos esses produtos atingiu a soma de 10.000 francos. Dezoito meses depois, chegaram cinco sinos "Pacard". O dia da chegada dos sinos na Paróquia, todo mundo fez feriado. As estradas estavam cheias de cavaleiros, vindos de todas as partes, para ver os sinos. Estavam lá, novos brilhantes, inspirando emoção e respeito. O batismo dos sinos foi festa única. Ninguém notou que o ritual teve de ser adaptado às exigências do local, que a cerimônia foi longa, que o sol era causticante. A multidão aguardava comovida e recolhida. Quando os sinos receberam ordem de repicar, numa harmonia poderosa e nova, o povo silencioso escutou como se estivesse no momento da consagração, essas vozes que cantavam tão bem. Os sinos repicavam. Era tudo. Ah! Como era comovente ouvir, pela manhã, ao meio-dia e a noite, o som do metal precioso que lembrava os sinos da pátria, num lugar perdido nos fundos da América. Nos primeiros tempos, os rudes colonos ficavam emocionados e transformados".

Esse relato foi reafirmado por Dom José Barea, primeiro Bispo de Caxias, com essas palavras: "Quando o sagrado bronze ecoa pela primeira vez no silêncio da floresta, os fortes vênets e lombardos não conseguem conter-se: choram de nostálgica alegria, com a mente voltada para a aldeia natal, para pátria longínqua".

Ouvir o sino ecoar lá no fundo de suas colônias era motivo de muita alegria, porque significava viver, reviver e reacender as esperanças e sentir-se em comunhão com todos, mas acima de tudo significava a quebra da solidão e do silêncio tão assustadores e massacrantes. Os poetas populares e anônimos, que sempre se manifestaram nos momentos mais solenes, assim cantaram os sinos: "Suona campana, suona vicina, suona lontana. Tu sei la música del poveretto, che nel sentirti piange d'affetto".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (LXXX)

AS SOLENIDADES LITÚRGICAS

A Igreja, no ponto geográfico mais nobre, o campanário, ou as torres, e os sinos, preenchendo o vazio com suas badaladas, transplantaram, em solo gaúcho, o ambiente afetivo e familiar dos vilarejos de origem. O cenário estava montado para desenvolver a segunda fase dos ideais ítalo-religiosos dos imigrantes, as celebrações litúrgicas conforme os padrões das solenidades, praticados nas melhores igrejas e catedrais italianas.

Os atores principais destas solenidades, os padres, já estavam presentes, ainda que não em número desejado, mas o suficiente para garantir a execução do espetáculo. As igrejas eram espaçosas, permitindo uma elevada presença. Os sinos ecoavam seus chamados, num código de sinais, para as populações mais distantes participarem das celebrações litúrgicas, particularmente, as missas dominicais. Isto nas sedes paroquiais. Nas capelas, a paisagem era a mesma, embora mais simples. O sino, ainda que pequeno, e num campanário improvisado, convocava a todos para a reza do terço que, dependendo das condições da comunidade, adquiria maior solenidade através de cantorias.

As práticas religiosas, segundo estudos feitos, tinham, para os imigrantes italianos, uma avaliação visual e sonora. O importante era a riqueza de imagens completada pelas melodias das cantorias internas e, exteriormente, pelo repicar dos sinos. O seguinte depoimento de um colono, após cerimônias de primeira comunhão, resume tudo: "Padre, eu lhe garanto que jamais vi coisa semelhante na Itália; nunca teria imaginado quando cheguei nestas florestas, há 25 anos, que, um dia, iria assistir a um espetáculo tão emocionante".

Em toda Colônia Italiana quatro datas mereciam ser celebradas com todos os recursos litúrgicos possíveis. A solene celebração da missa, preferivelmente "in terço" – celebrante, diácono e subdiácono – e cantada em latim, era o centro das festividades.

Em primeiro lugar, certamente, estava a Páscoa, em seus dois momentos maiores, a Sexta-feira Santa e o Domingo da Ressurreição. A sexta-feira santa concentrava as maiores atenções. O segundo lugar, em sentido litúrgico e participação, era disputado entre a festa de Corpus Christi" – Corpo de Deus – e a Sagra, a festa do padroeiro da igreja paroquial.

Essas três festividades tinham um fator fundamental para enaltecer o cerimonial e a participação popular através das procissões. As procissões tinham um sentido especial que as diferenciavam. Na Sexta-feira Santa, a procissão do Cristo morto era marcada pelo sentimento de penitência e de perdão. A procissão de Corpus Christi, ao contrário, era mais festiva, enquanto conduzia o Cristo Eucarístico pelas ruas para abençoar a todos com três paradas ao longo do percurso. Atualmente, a confecção de tapetes coloridos nas ruas está privilegiando esta festividade. Na procissão da sagra, o festejado era o padroeiro, ou padroeira, carregado sobre um andor ricamente enfeitado. Em todas elas as cantorias não podiam faltar. O brilhantismo alcançaria o mais alto grau, quando uma banda participasse.

Por fim, a festa do Natal tinha uma simpatia especial, pela missa do galo, pelo presépio e pelos presentes. A data mais apropriada para exhibir (imprimir) novos vestuários.